

## A experiência do pensar filosófico na formação docente: o que dizem os professores?

*The experience of philosophical thinking in the teacher formation:  
what do the teachers say?*

Conceição G. Nóbrega Lima de SALLES<sup>1</sup>

**Resumo:** A temática dos saberes docentes e da formação de professores tem ocupado cada vez mais um papel central nas discussões educacionais. Com efeito, tem se tornado um tema de particular atualidade, de significado complexo e abordado a partir de diferentes enfoques. Este trabalho se ocupa, afirmativamente, de algumas questões implicadas no alinhamento entre a experiência do pensar filosófico e a formação dos professores. Tal questão não será tratada do ponto de vista da Filosofia da Educação, como habitualmente ocorre quando pensamos sobre o lugar da Filosofia na formação de professores, mas tomaremos por base uma outra presença da Filosofia nesse processo, a saber, a experiência com seu ensino nas escolas, na qual se coloca a formação dos professores dessas escolas. Para tanto, tomaremos como referência uma experiência desenvolvida pelo Projeto Filosofia na Escola, ligado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UNB). O PFE tem, em princípio, uma intenção simples: criar condições para que as crianças possam vivenciar uma experiência filosófica desde o começo do seu processo de escolarização e contribuir com a formação dos professores dessas escolas. Partindo das falas dos próprios professores, procuraremos mostrar como esse encontro pode estar promovendo um espaço mais interessante e potente para a tarefa formativa, produzido no encontro entre a experiência do pensar filosófico na escola e a formação docente. As questões colocadas pelos professores extrapolam o espaço específico da prática filosófica, nos convidando a pensar e delinear novos sentidos – sem a orientação de fundamentos absolutos – para a relação ensino/aprendizagem como um todo e para a própria questão da formação docente.

**Palavras-chave:** Filosofia. Experiência. Formação docente.

**Abstract:** The theme of teacher knowledge and teacher education has increasingly occupied a central role in educational discussions. In fact, it has become a topic of particularly present nowadays, it is of complex meaning and it is approached from different focuses. This work deals, affirmatively, with some questions implicated in the alignment between the experience of philosophical thinking and teacher formation. This question will not be addressed from the point of view of philosophy on education, as usually occurs when we think about the place of philosophy in teacher formation, but we will take as a basis for discussion another approach to philosophy in this process the experience of the teaching in schools in which the teachers formation takes place. To do so, we took as reference an experience developed by the Philosophy In School Project that is under the supervision of the Education Faculty of the University of Brasilia (UNB). The PSP has, above all, a simple intention: to create conditions so that children can experience a philosophical experience from the beginning of their schooling process and contribute to the teachers' formation of these schools. From the speech of the teachers themselves, we seek to show how this meeting can promote a more interesting and powerful environment for a formative outcome, produced in the encounter between the experience of the philosophical thinking in school and teacher formation. The questions placed

---

<sup>1</sup> NFD/UFPE.

---

by teachers go beyond the specific environment for philosophical practice, inviting us to think and devise new ways - without the guidance of the absolute concepts - for the teaching/learning relationship as a whole and to the issue of teacher formation itself.

**Keywords:** Philosophy. Experience. Teacher formation.

## Introdução

O presente texto versa sobre a formação e a Filosofia, em algumas das múltiplas formas em que elas se apresentam. Assim, tal questão não será tratada do ponto de vista da Filosofia da Educação, como lugar habitual da Filosofia na formação de professores, mas tomaremos por base uma outra presença da Filosofia na formação de professores, a saber, a experiência com seu ensino nas escolas, tomando como referência uma experiência desenvolvida pelo Projeto Filosofia na Escola, cenário no qual desenvolvemos nossa pesquisa, o qual se configura como um espaço de atividade permanente de ensino, pesquisa e extensão. Trata-se de uma experiência que trabalha exclusivamente com a educação pública, sendo um empreendimento teórico-metodológico experimental. Envolve crianças, professores em formação inicial e professores em atividades das escolas públicas do Distrito Federal.

Em meio à existência de tanta pretensão unificadora e totalizante – notadamente quando a educação entra em cena, e mais ainda quando se pensa a formação do professor –, não é difícil compreender as dúvidas, suspeitas e desconfiâncias que surgem ao nos depararmos com um texto que discute a experiência filosófica como dispositivo na formação de professores, uma vez que muitos a consideram uma questão menor nos currículos e até mesmo impossível. Este texto, no entanto, não pretende fazer uma análise exaustiva desse desconforto que o tema suscita, mas se ocupar, afirmativamente, de algumas questões implicadas no alinhamento entre a experiência do pensar filosófico e a formação dos professores. Com efeito, em suas falas, os professores enunciam e expressam um conjunto de questões que extrapola o espaço específico da prática filosófica, nos convidando a pensar e delinear novos sentidos – sem a orientação de fundamentos absolutos – para a relação ensino/aprendizagem como um todo e para a própria questão da formação docente.

Neste trabalho, que é parte das discussões empreendidas ao longo da nossa pesquisa de doutorado, nos ocuparemos em pensar, partindo das falas dos próprios professores, os sentidos e significados produzidos no encontro entre a experiência do pensar filosófico na escola e a formação docente. Procuraremos mostrar como esse encontro pode estar promovendo um espaço mais interessante e potente para a tarefa formativa. Tal como coloca Bessa,

[...] a formação não é objeto delimitado de pensamentos e conhecimentos (filosóficos e pedagógicos) exteriores a ela própria, mas de pensamentos e conhecimentos que emergem no seu interior. A experiência pedagógica se torna filosófica ao mesmo tempo em que a filosofia é tocada pela pedagogia. A relação entre filosofia e pedagogia que acontece no projeto acontece na experiência vivida da filosofia (pelo ensino e pela reflexão sobre as práticas de ensino) nas escolas por professores em atividade e professores em formação inicial que podem produzir outras relações com a filosofia e com a pedagogia no seu processo de tornar-se outro (2004, p. 12).

Como procura mostrar o autor, não se trata simplesmente de transmitir algo, ou possibilitar, a partir da experiência reflexiva, uma experiência com o objetivo de organizar outras experiências, mas criar um espaço para se experimentar o pensamento.

### **Situando a problemática**

A temática dos saberes docentes e da formação de professores tem sido objeto de um debate significativo nas discussões educacionais, seja no âmbito mais global das políticas públicas, seja no interior das associações e grupos que discutem a profissionalização do magistério. Com efeito, tem se constituído um tema de particular atualidade, de significado complexo e abordado a partir de diferentes enfoques e dimensões que sintetizam os principais eixos de investigação.

Sabe-se que o saber do professor desenvolveu-se comprometido com uma formação fundada basicamente em técnicas e saberes, estabelecidos segundo a lógica da racionalidade técnica. Como nos diz Nóvoa,

É forçoso reconhecer que a profissionalização na área das Ciências da Educação tem contribuído para desvalorizar os saberes da experiência e as práticas dos professores. A pedagogia científica tende a legitimar a razão instrumental: os esforços de racionalização do ensino não se concretizam a partir de uma valorização dos saberes de que os professores são portadores, mas sim, através de um esforço para impor novos saberes ditos “científicos”. A lógica da racionalidade técnica opõe-se sempre ao desenvolvimento de uma práxis reflexiva (1992, p. 27).

Dessa maneira, temos uma realidade de formação de professores baseada em um campo científico específico, que contribui para a aquisição de certas

habilidades e competências, em geral, entendidas como reducionista e simplificadora. Conseqüentemente, temos uma cultura docente reduzida ao nível das tarefas cognitivas, consideradas essenciais pela comunidade científica, porém distanciadas dos saberes e das experiências dos sujeitos que dela fazem parte. O investimento, portanto, se dá na formação técnico-instrumental.

Nessa perspectiva, o saber do professor se desenvolveu no campo do domínio das técnicas para operacionalizar as situações de ensino. Como mostrou Pimenta, a crença que surge fundamentada nesse enfoque aponta para o avanço científico e tecnológico, o qual, ao ser incorporado ao ensino, “naturalmente daria bons resultados, pois estaria diretamente relacionada à positividade das técnicas, originária das verdades científica” (2002, p. 185).

Por esse prisma, com pretensões à “ciência”, a educação teria se tornado, entre nós, técnica de adaptar, substituindo as formações, ampliadas pela produção em série de técnicas e manuais, que se prestam apenas ao uso de outrem, não sendo, deste modo, validados pelo cotidiano. Nessa perspectiva, os saberes são, de um certo modo, comparáveis a “estoques” de informações tecnicamente disponíveis, renovados e produzidos pela comunidade científica em exercícios e passíveis de serem mobilizados nas diferentes práticas sociais, econômicas, técnicas, culturais, etc. (TARDIF, 2002).

Contrariando essa tendência hegemônica, no tocante ao conhecimento que afeta o ensino em geral – e, conseqüentemente, a formação docente – e opondo-se à racionalidade técnica que marca a prática e a formação de professores, este trabalho parte do pressuposto de que a compreensão da profissão docente deve colaborar com o (des)velamento de novas práticas subjetivas, possibilitando a construção de novos eventos pedagógicos e formativos, baseados em uma visão ampliada da formação docente. Esta, por sua vez, implica numa ruptura com o modelo de formação visto como uma mera implantação de treinamentos em métodos e técnicas de ensino a serem seguidos pelos professores. Trata-se de um olhar que, sem dúvida, procura compreender o trabalho do professor e sua formação, na direção da autonomia de seus processos de produção de práticas e conhecimentos, bem como coloca, na ordem do debate, questões ligadas aos aspectos da subjetividade do professor, tão importantes para a compreensão das suas práticas dentro do espaço escolar.

Nesse cenário, elegemos como foco de análise deste trabalho a formação dos professores envolvidos com o Projeto Filosofia na Escola. Este procura potencializar a presença da Filosofia na formação, por meio da presença da prática filosófica na prática educativa, de modo que a formação é apreendida não enquanto repetição de um modelo e de um modo de ser imposto a todos,

mas como uma tarefa formativa que imprime a diferenciação do sujeito em relação ao modo de ser.

Praticada pelo ensino da Filosofia e pela investigação sobre o significado desse ensino e da educação, a tarefa formativa não pretende fixar uma forma, mas abrir, como mostrou Nascimento (2002), a possibilidade de os professores se tornarem sempre outros, se modificarem, estando em constante processo de aperfeiçoamento.

Em linhas gerais, trata-se de uma tarefa que deve realizar-se a cada dia, por meio de um evento imprevisto que provoca a surpresa do/no sujeito.

Entendida como experiência, como encontro do pensar, a *filosofia*, não admite nenhuma ordem determinante. Pensa o impensável. Dá testemunho da soberania da pergunta. Assim entendida, a experiência da filosofia pode, talvez, ajudar em uma educação sensível, criativa, que proporcione aos que a realiza uma atitude ativa, uma prática formativa que não seja transmitida, mas exercida, que atravesse suas vidas, afetando-as e modificando-as, para além do simples ato de informar (KOHAN, 2002, p. 241).

Feito essa rápida exposição, sem nenhuma intenção exaustiva, pretendemos, em seguida, fazer uma rápida reflexão sobre os fios que entrelaçam a formação dos professores no Projeto Filosofia na Escola. Este consiste em uma dentre muitas experiências, em nossos dias, de aproximar infância e filosofia. Sem a pretensão de ser o único modo de promover o filosofar com crianças, ele se apóia em uma nova perspectiva de entender tanto o filosofar praticado nesse contexto quanto a relação entre Filosofia e infância. O PFE tem, em princípio, uma intenção simples: criar condições para que as crianças possam vivenciar uma experiência filosófica desde o começo do seu processo de escolarização e contribuir com a formação dos professores dessas escolas. O objetivo é possibilitar que tanto os alunos quanto os professores possam vivenciar essa experiência, na prática filosófica e na prática educativa. É a partir do chão dessa experiência que falamos.

### **Os sentidos e significados da experiência do pensar filosófico na formação dos professores**

Dentre os vários aspectos elucidados pelos professores, um deles diz respeito à tensão e às angústias vividas pelos professores, frente aos desafios de romper com o previsível, com o pré-determinado. Uma experiência que suscita a reflexão sobre sua própria prática, em seus aspectos metodológicos e conceituais, e uma mudança de concepções solidamente construídas não

poderiam ser menos conflitantes. Mas as falas seguintes também evidenciam o prazer que o encontro com a Filosofia, através do Projeto, propiciou aos professores. Os relatos dizem, ainda, do aprendizado por eles adquirido, que transpõe os limites da experiência profissional, permitindo-nos afirmar que os professores não passam imunes a essa experiência do pensar. Além de alguns depoimentos sobre o olhar do professor sobre sua prática e sobre os seus alunos, as falas a seguir dizem, também, das implicações da Filosofia na vida, no *ethos* e na visão de mundo dos professores.

Apesar das limitações postas pela instituição escolar, dos contra-sensos, de um contexto tão desfavorável à experiência filosófica, pudemos observar que os professores, ao discutirem os aspectos mais relativos ao filosofar em sala de aula, consideram a prática filosófica um solo forte e relevante, mormente pelos propósitos que a circundam. É evidente que a lógica do filosofar, tal como a que o Projeto tenta imprimir ao seu trabalho – uma lógica assentada na experiência, de resultados não propriamente previsíveis e antecipáveis – permanece distante dos nossos esquemas institucionais de formação. Some-se a isso a tendência do próprio corpo institucional de reagir contra qualquer desafio e veremos que as falas seguintes manifestam aspectos muito significativos no que se refere à experiência da Filosofia no contexto da sala de aula e na formação dos professores.

Ao relatar essa experiência, as professoras nos revelaram traços afirmativos do encontro com a Filosofia na sala de aula. Dentre eles, destacamos a possibilidade de relacionar-se de outra forma com o saber, com os outros e consigo mesmo. Na fala a seguir, ao tentar expressar o seu sentimento em relação à presença da Filosofia na sala de aula, a professora afirma que é inevitável a mudança na dinâmica do pensar das crianças. Segundo a mesma, seria perceptível o acontecimento de um pensar mais livre e aberto entre os alunos. Seu relato aponta que, no caso dos professores, um aspecto bastante significativo é a possibilidade de se confrontar com os limites da verdade na sua pretensão universalista e perceber suas formas imperiais de domínio e de desqualificação do outro. O exercício filosófico foi descrito por ela como importante para ajudar a perceber como é distorcida a imagem que se tem da verdade. Este é um aspecto fundamental, uma vez que, nas palavras dos professores, o Projeto é descrito como desencadeador de uma força distinta e especial ao pensamento dos que nele se envolvem. Enfim, é veementemente colocada sob suspeita a suposta tranquilidade das velhas concepções.

Eu percebo que o movimento na sala de aula com as crianças muda... É porque todas as pessoas, num primeiro momento, não estão acostumadas a tanta pergunta. O adulto também foi criado num molde tradicional, foi educado nesse molde tradicional e

também não está muito acostumado a argumentar ou até refletir. [...] a gente se descobre, nas oficinas, donos de verdade que a gente nunca nem parou para pensar e que a gente nem parou para questionar [...]. A gente vai reproduzindo e aí a gente, observando o comportamento das crianças, [...] vê que [...] é muito parecido com elas em muita coisa. Tem muita verdade nossa que a gente nunca questionou [...]. É que no Projeto a gente começou a perceber esse movimento, que a gente não estava pensando que nem tudo nosso é tão racional. Existe uma coisa de repetição mesmo, de imitação, que vai perdendo ao longo do desenvolvimento do Projeto e que a gente começa a questionar, a gente começa a ter um cuidado até com o que a gente vai falar. E as crianças, no começo, se contradizem, elas argumentam, aí vem uma outra, argumenta, e ela percebe naquele argumento algo que ela gostou e ela reflete, reformula [...] Aí, tem coisas, assim, tão incríveis que a gente acha, ao longo de um determinado tempo, que seria impossível uma criança falar, e eles falam, sabe? (Agnes)

Ao contrário de outras perspectivas de ensino de Filosofia, o Projeto valoriza a participação do professor em todas as suas etapas, como relata a professora Agnes. Para ela, o mais importante nessas práticas do Projeto seria a possibilidade que se engendra, quando se junta o pensar, o aprender e o viver, de tornar o pensamento possível mais uma vez, já que acredita que, assim, pode-se experimentar um pensar menos imóvel.

Na fala seguinte, uma outra professora também ressalta esses momentos como uma oportunidade de enriquecimento mútuo. Mas é, sobretudo, a socialização proporcionada pelo encontro entre professores, coordenadores e mediadores, o prazer desse encontro, do contato, da troca, que é descrita como a melhor de todas as atividades do Projeto.

Sabe o momento que eu mais gosto? É o momento da troca, quando a gente se junta para um contar a experiência. Porque isso me enriquece muito, a troca. Nesse momento [...] eu me sinto... sabe? É quando eu passo as minhas experiências, as colegas passam as delas, levam os trabalhos dos alunos que enriquecem muito a gente (Berta).

Os momentos de formação e planejamento, portanto, são descritos como manifestações daquilo que motiva os professores a participarem do Projeto. As leituras e os debates travados são entendidos como algo que provoca uma significativa elevação da criticidade e disposição para se explorarem novas possibilidades e novos sentidos. Outra referência a essa troca de experiência entre os professores diz respeito à importância, no seu aprendizado, do saber



escutar, e como essa mudança de postura em relação à voz do outro, tanto das crianças como dos professores, foi significativa para a prática na sala de aula e nos encontros com outros professores. Essa experiência passa, então, a ser entendida como apropriação de meios de construção de si, de escrita de si e de delineamento de sua própria figura professoral.

Essa disposição para vivenciar o novo, abrir-se para uma experiência de pensamento mais livre e menos delimitada, é descrita pelos professores como um dos maiores desafios no Projeto. Esse desafio, segundo as professoras, representou um conflito pessoal e profissional, na medida em que a forte aposta que faziam em suas práticas nas questões técnicas e didáticas – sobretudo na necessidade de um planejamento previamente estruturado – vai de encontro a esse modo de ensino que privilegia o pensar e as experiências mais reflexivas que acontecem no decorrer do processo. Esse resguarda sempre o caráter de imprevisibilidade e ineditismo, o que pode gerar essa sensação de instabilidade e insegurança, especialmente desconfortável para quem sempre defendeu os princípios da lógica acadêmica e pedagógica tradicional.

Ficou esclarecido um dia que na filosofia não existe essa objetividade, o que existe é subjetividade. Então, eu não estava ali para procurar como que eu vou fazer na minha prática pedagógica, como que eu vou utilizar isso. A filosofia [...] é para ser vivida e não para ser empregada. Então isso já me deixou um pouco mais confortável nessa situação. (...) E isso é culpa ainda do tradicionalismo em que eu fui ensinada. A filosofia, na época, [...] não era nem objetiva nem subjetiva, ela era uma aula chata. A gente assistia por obrigação. A gente não via sentido. Então, para minha pessoa, e não diria nem para o meu lado profissional, foi importante nesse sentido. Foi como se quebrasse o conceito construído. O que eu vi de filosofia não servia pra nada e, a partir daquele momento, em que houve esse esclarecimento, então, para mim mudou (Cássia).

Essa relação não previsível do ato educativo, que não se limita, portanto, à instrumentalização do sujeito para o desempenho de sua profissão, também parece estar presente nas falas das professoras.

[...] justamente por causa desses aspectos, do observar, do pensar, da responsabilidade, porque filosofar é uma responsabilidade, porque outras pessoas vão estar envolvidas no seu pensar e depois no seu agir. Eu gosto quando eu estou com os meus alunos e gosto também quando eu estou com os meus colegas [...], na minha formação, discutindo. [...] a gente aprende muitas coisas, sabe? Com essa questão da discussão em cima da filosofia. A gente aprende que filosofar, quer dizer, que a



gente não vai resolver problema nenhum e nem vai sair do lugar, mas faz com que você tenha um outro olhar sobre os aspectos que estão em sua volta, sobre as pessoas. Porque você aprendeu a pensar e quando a gente pára para pensar é como se você diminuísse a sua velocidade para pensar melhor[...] para aprender a viver melhor com você mesmo e com os outros e com o meio onde você vive. Eu acho que filosofar é isso (Diana).

Nessa fala, a relação com a Filosofia é descrita como uma experimentação do pensamento, que só faz sentido enquanto tal, enquanto experimentação propriamente dita. Trata-se, portanto, de uma concepção do fazer filosófico que não necessariamente contém em si uma natureza utilitária ou prática, utilizável ou aplicável. Seu modo de ver a Filosofia e as implicações desta em sua visão de mundo – ambos aparecem em sua fala como intimamente ligados – fundamentam sua prática com os alunos, aos quais ela espera que se estenda o seu interesse pela disciplina. Nesse sentido, a mesma ressalta essa característica filosofante da criança e a maiêutica que subjaz, por princípio, ao ensino da Filosofia. Assim, o Projeto só veio intensificar o desenvolvimento de um cunho formativo, o qual já se ensaia na prática – investida do caráter experimental da criação –, que, em certa medida, afasta-se mais do fantasma da formação, baseada exclusivamente no desenvolvimento de habilidades, na aquisição de conteúdos, na incorporação de uma didática e na estruturação de uma identidade pronta e cristalizada, independente dos desejos dos próprios educandos.

### **Considerações finais**

Embora muitas vezes tratada como uma dimensão de certo modo estranha ao território escolar, sobretudo no contexto do seu ensino e na formação docente, o encontro entre a prática filosófica e a formação dos professores, na perspectiva analisada neste trabalho, vem assumindo o desafio de pensar a experiência formativa a partir de uma outra imagem e de um novo espaço para ela, assim como um novo modo de entender a Filosofia e sua prática.

Nessa perspectiva, o saber docente não pode ser entendido simplesmente como a capacidade de aplicar e manejar um conjunto de técnicas, mas implica, antes de tudo, a experiência de assumir a formação como projeto de conhecimento e como projeto existencial, ou seja, a formação como “modo de ser”. Uma experiência que não se encerra no domínio de formas, idéias e modelos preconcebidos.

Dessa forma, as falas permitem visualizar que talvez a maior repercussão da atividade filosófica para a prática pedagógica dos professores esteve

relacionada à possibilidade de pensar o próprio pensar ou, como diria Foucault (2006), fazer um trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento, ou seja, pensar-se diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe. Trabalho de pensamento que nos permite, sobretudo, desfazermo-nos não apenas desta ou daquela verdade, mas de uma certa relação com a verdade – exercício de pensamento tão ausente em nossas práticas educativas.

Por fim, podemos perceber que os professores, de um modo geral, ao fazerem uma avaliação do Projeto, indicam posições que nos ajudam a pensar a prática filosófica na escola e a especificidade da dimensão filosófica no processo formativo.

## Referências

BESSA, Dante Diniz. Tornar-se professor de Filosofia: o que acontece quando filosofia e pedagogia se encontram? In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO. 2. Rio de Janeiro, 2004. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. São Paulo: Graal, 2000.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2006, v. 2.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Notas sobre o pensar e o fazer: um diálogo com a filosofia na formação de professores. **Revista de Pedagogia**, a. 3, n. 6, ago./dez., 2002.

NÓVOA, Antônio. (Org.) **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

KOHAN, Walter Omar. (Org.) **Ensino de filosofia**: perspectiva. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

KOHAN, Walter Omar; LEAL, Bernardina; RIBEIRO, Álvaro. (Orgs.) **Filosofia na escola pública**. Petrópolis: Vozes, 2000.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PIMENTA, Selma G. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VATTIMO, Gianni. **As aventuras da diferença**: o que significa pensar depois de Heidegger e

Nietzsche. Lisboa: Edições 70, 1980.



Recebido em: 10/07/2012

Aprovado em: 20/07/2012

**Para referenciar este texto:**

SALLES, Conceição G. N. Lima de. A experiência do pensar filosófico na formação docente: o que dizem os professores. **Lumen**, Recife, v. 21, n.2, p. 67-77, jul/dez.2012.